



## ROMEO + JULIET + PÓS-MODERNISMO <sup>1</sup>

Cristina MARGON<sup>2</sup>

Erly VIEIRA JR<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

Este artigo analisa o filme de Baz Luhrmann: William Shakespeare's Romeo + Juliet (1996) com o objetivo de ressaltar o que o pós-modernismo influencia na adaptação de um clássico da literatura em um filme contemporâneo.

Para isso, o artigo discutirá três tópicos que relacionam o filme com o cinema contemporâneo. O primeiro tópico fala sobre como Luhrmann adapta a estória para um tempo contemporâneo e como ele utiliza de cenários e readaptação de falas (sem modificar o texto atual), para torná-la parte da nova sociedade que é colocada. Na segunda parte, será discutido a música da trilha sonora; o que ela influencia no filme e o que faz dela um aspecto tão importante para o longa-metragem.

Para a terceira e última parte do artigo, será discutido como Luhrmann utiliza a ironia no filme e o que sua montagem representa no âmbito pós-moderno.

**PALAVRAS-CHAVES:** Romeo + Juliet; Pós-modernismo; Música Pop; Baz Luhrmann.

### 1. A NOVA SOCIEDADE DA NOVA VERONA.

“[...] Shakespeare became fashionable and cool once again.”  
(CHAITRAN, Sandi, 2001)

Ao pegar uma peça escrita a mais de 400 anos e trazê-la para os tempos atuais, Luhrmann decide fazer uma adaptação pós-moderna da famosa estória de amor entre Romeo e Juliet. No entanto, não é simplesmente pegar a história e trazê-la para uma cidade moderna, ao fazer isso, ele encontra o desafio de reinventar a trama em uma sociedade que mudou com a tecnologia e a sua cultura que veio junto com o avanço do tempo, isso, em sua escolha, mantendo as falas originais com o mesmo inglês arcaico, cheio de rimas, escrito por Shakespeare; ou seja, o diretor reescreve a história sem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social: Audiovisual da UFES, email: cristinapbmargin@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do artigo. Professor do Curso Comunicação Social, email: erlyvieirajr@hotmail.com



mudar uma palavra.

Na famosa peça, um dos assuntos bases da trama está entre a rivalidade entre as famílias Montague e Capuleto. Ao adaptar essa rivalidade, Luhrmann mostra cada uma destas casas, donas de corporações que dividem o “poder” da cidade, disputando e brigando uma com a outra para reafirmar quem é a “melhor”. Assim, o filme mostra a violência das brigas entre os integrantes da família em uma sociedade onde “o mais forte sobrevive”; substituindo espadas por armas e roupas formais por roupas que caracterizam o personagem e sua identidade, sendo o modo de vestir como reafirmação de quem a pessoa é nesta sociedade de consumo.

Mike Featherstone fala em um de seus livros sobre os modos de consumo na sociedade atual, “Se é possível afirmar o funcionamento de uma ‘lógica do capital’ derivada da produção, talvez seja possível afirmar também uma ‘lógica do consumo’, que aponta para os modos socialmente estruturados de usar bens para demarcar relações sociais” (FEATHERSTONE, 1996, p.35). Ao utilizar roupas mais justas, pelo seu corte de cabelo, por seu modo de andar e se mexer, e pela aparência de seu carro, Tybalt Capulet, antes mesmo de falar uma palavra, já pode ser julgado por sua forma de se apresentar. No encontro nos dois grupos rivais, representados como “gangues”, suas armas possuem o brasão de sua família, substituindo a espada de Shakespeare por uma pistola chamada “Sword 9MM Series S”, ironizando com referência o nome original na peça.





Romeo + Juliet vende, quase como uma propaganda, ideias e modo de agir e se vestir, como o dos Capuletos e Montagues “bad boys” na cidade suburbana de Nova Verona.

“[...] Assim, as mercadorias ficam livres para adquirir uma ampla variedade de associações e ilusões culturais. A publicidade é especialmente capaz de explorar essas possibilidades, fixando imagens de romance, exotismo, desejo, beleza, realização, comunalidade, progresso científico e a vida boa nos bens de cosumos mudanos, tais como sabões, máquinas de lavar, automóveis e bebidas alcoólicas.” (p. 33)

Nesta história o que é vendido é o amor à primeira vista e todos os sentimentos que este provoca no espectador dentro de uma sociedade atual, aonde o consumo de experiências e conceitos, são tão relevantes como a necessidade consumir bens materiais. Luhrmann pega Verona, uma cidade quente do norte da Itália, e transforma-a em uma cidade litorânea com as características do subúrbio de uma cidade californiana onde tal população está ligada fortemente a religião (católica) e há um conflito em relação a desigualdade social aonde as duas famílias possuem poder, demonstrando claramente que suas situações financeiras são exorbitantemente maiores do que a da cidade em volta.

A violência encontra aí um ambiente perfeito para se tornar quase “explicável”, ou seja, a violência é algo presente na situação atual se reafirmando em todos os níveis

“A violência (urbana e criminal) aparece como modo de apresentação, de expressão e de ligação das “classes populares” com a sociedade estabelecida. Ou melhor, com o mundo social oficialmente existente e vivenciado pelos outros setores sociais excluídos. A violência (urbana e criminal) torna-se algo como um modo de inclusão social como modo de existência social. Ainda que com diferenças notáveis.” (RUBIM, 2004, p. 217)

A sociedade suburbana de Nova Verona se reafirma usando da violência para destacar a suas condições em *Romeo + Juliet*, estendendo os motivos do ódio na estória através na nova era que ela se encontra. Como a interpretação que é dada aos “meninos” (tanto os Capuletos quanto os Montagues) de gangues, a droga evidentemente deveria estar presente.

A droga, neste filme, também deixa em evidência o consumo excessivo realizados atualmente na sociedade pós-moderna, não talvez como ela em si, mas como a experiência que esta vende, por exemplo, o efeito que consome Romeo no momento em que este ver Juliet pela primeira vez; “*The drugs are quick*”, afirma Romeo ao se sentir mal com o efeito do chamado MDMA. Na peça de Shakespeare essa frase é falada no final da estória após Romeo tomar o veneno, porém, Luhrmann muda a posição da frase



para se referir ao fim do efeito do que ingeriu.

Mas ao tomar a droga antes de conhecer Juliet, e ainda está sobre o efeito desta, mostra possibilidades de que, para Luhmann, deve-se estar sobre algum efeito para se apaixonar, ou, até mesmo uma referência de que o amor é um tipo de droga, mas, como afirma Patri Friedman, isso não explica que Romeo só se apaixona por efeito de ecstasy, mesmo podendo ser questionado, este não explica porque Juliet teve a mesma relação (apesar desta está fugindo de um casamento forçado por seu pai).

“Note that this is very different from suggesting that their entire relationship is due to drugs. First, there is no implication that Juliet is on anything (besides fear of her father and the stubborn desire to choose her own husband, but this is not the place for that wholly separate digression on the subject of why the two of them get so intense so quickly). Second, E lasts for around 4-6 hours, and thus Romeo was free of its influence during the next days, marriage and consummation that followed, as well as his fateful duel and subsequent flight. While a strong emotional experience, involving chemicals, can certainly have lingering effects long after neurochemistry returns to normal, I don't think Romeo's feelings can be entirely attributed to the pill, (although it should be noted that according to rumor, during the early days of our culture's love affair with E, there were T-shirts made that said "Don't marry anyone the same month you met them on E"). In my opinion, it is just not enough to cause such precipitous action without their being "natural" emotions and affection present as well. The most that can be said, I think, is that it kick-started their relationship, making it possible for Romeo to become emotionally involved more quickly than might have happened otherwise.” (FRIEDMAN, Patri)

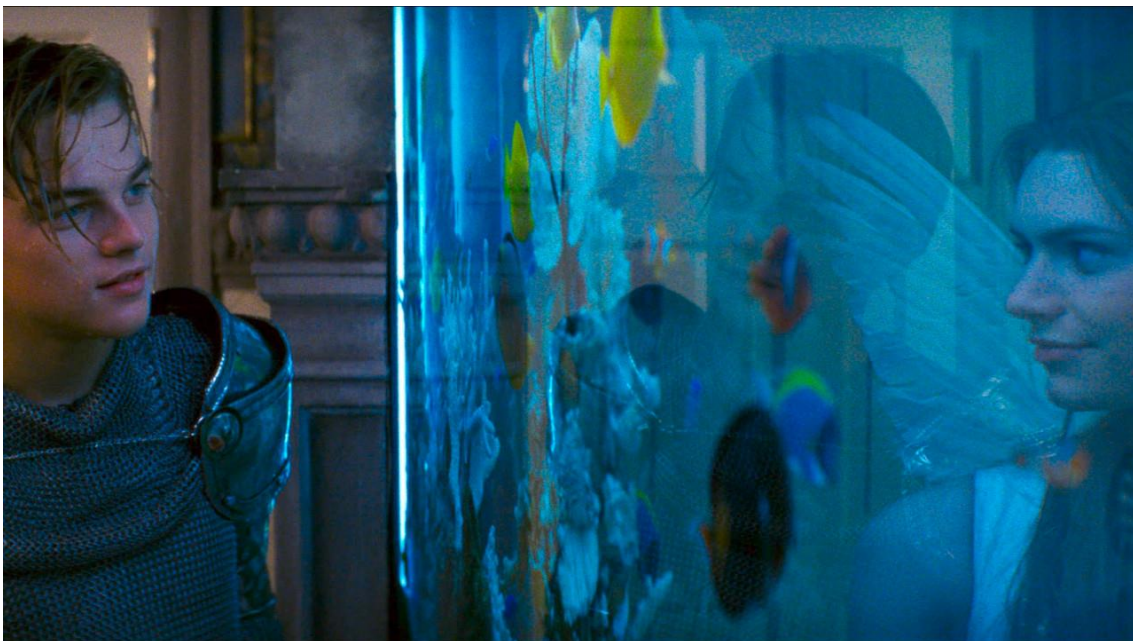
O filme encontra como desafio reconstruir a história em uma época diferente, os motivos que fariam a mesma história acontecer a quatro séculos atrás já são outros, e pelo espectador se identificar com a época, toda a reafirmação desta leva a outras interpretações da mesma trama. O desafio não é apenas usar da ironia, pois é um filme extremamente pós-moderno, utilizando uma arma para o suicídio ao invés de um punhal, é mostrar como esses personagens tão conhecidos agem diante a uma sociedade pós-moderna e porque a suas histórias tomam o mesmo rumo.

Romeo é um garoto sensível, na peça original, que leva a sério o amor e suas consequências, mas este Romeo nos apresentado no filme não é sensível ou contra o ódio de sua família apenas porque seu personagem é classificado assim, Romeo, antes de conhecer Juliet já se apresenta cansado de todos os problemas que seus primos causam, de todas as características de sua cidade em si, como se precisasse de algo novo, como se estivesse esperando algo que o tira-se da vida que estava condenado a seguir. Juliet por seu lado também já é apresentada como uma menina que não aparenta



estar satisfeita com a sua rotina antes mesmo de ter uma conversa com sua mãe, em que ela lhe conta dos interesses de Paris e seu pai. Logo no primeiro plano em que Claire Davis aparece, ela está com sua cabeça totalmente submersa na água, algo que ao mesmo tempo causa aflição por estar sem ar e, portanto, presa, como algo que também passa uma tranquilidade e impressão de liberdade, pois, seus cabelos “voam” em torno de seu rosto e é como se por alguns momentos ela sai do mundo em que vive, onde sua mãe e empregada à chamam desesperadamente, e passa momentos em um lugar diferente - longe do mundo presente - tirando-a do real como Romeo faz o mesmo, antes de encontrar Juliet, para tirar o efeito da droga, talvez Juliet queira se livrar do mundo como se fosse uma droga, algo que está a fazendo mal.

Talvez aí esteja o motivo em que mesmo introduzindo drogas a história, Luhrmann não faz dela o motivo pela “inevitável” atração que os dois iriam sentir. Fica a interpretação que os dois, tanto Juliet como Romeo só estavam esperando um motivo para fugir de suas vidas e se arriscarem a algo diferente. Onde está o que faz das duas histórias não serem igual, enquanto na original pode ser interpretado um amor “sobrenatural” entre dois jovens, sem um motivo que valesse arriscar tudo, além do próprio sentimento inexplicável; em uma sociedade contemporânea as pessoas criticam mais a sua vida, dois jovens, até mesmo melancólicos, encontram no amor o remédio para curar e apagar o mundo ao redor de suas vidas.



O diretor, usa da água como a parede que os separam, mundos diferentes, onde cada um



pertence ao espaço reservado a si e não possui acesso ao outro, sempre perto e longe, e Luhrmann usa o aquário como a cena em que os dois se conhecem, onde eles estão tão perto e tão longes; no ponto de vista que a câmera mostra Romeo do outro lado e Juliet tentando vê-lo com mais clareza, Romeo parece estar em outra dimensão, mas está apenas do outro lado, enquanto uma trilha romântica entra no ambiente como parte de sua miss encene.

A música tem influência direta no filme e como nos faz interpretar os personagens, portanto, será o assunto principal do próximo tópico.

## **2. A MÚSICA POP NO DRAMA CLÁSSICO.**

A trilha sonora de Romeo + Juliet foi composta por músicas populares e se encontra presente o tempo inteiro, traduzindo as emoções ou introduzindo pessoas.

“A música como elemento lírico atribui um caráter épico às cenas e possibilita uma plasticidade diferenciada a elas. A música como elemento dramático enfatiza os sentimentos presentes no filme ao estabelecer o estado anímico das personagens, bem como possibilita o público adentrar a narrativa através da emoção. A música como um elemento rítmico fornece unidade às cenas e atua sobre a edição do filme, ora música e imagens seguindo a mesma cadência, ora adotando caminhos opostos, ainda que em ambas as direções ela esteja presente agregando sentidos.” (COSTA, 2007, p. 190).

Tanto Romeo quanto Juliet são introduzidos com músicas temas separadas para cada um. Elas são imediatamente reconhecidas por seu público que estabelece, por seguinte, uma relação entre personagem e música ou música e contexto. Por serem músicas “conhecidas”, elas se afirmam mais fácil para o espectador que se identifica por vezes com tal situação, pois, costumava a ouvir uma dessas músicas frequentemente e relaciona a sua própria vida e, por vezes, no caso desses temas individuais, podendo preferir tal personagem só pela música, mesmo sem perceber que este é o fator que o fez gostar de tal.

“Independentemente da riqueza ou pobreza estrutural, rítmica, melódica ou harmônica, a música pop é extremamente eficaz em despertar emoções e sentimentos diversos no vasto público consumidor que engloba diferentes classes sociais, faixas etárias, raças, sexos ou nacionalidades. A música pop está presente maciçamente no dia-a-dia da sociedade contemporânea definindo sentimentos, estabelecendo sensações ao atuar no nosso corpo ou passando mensagens de cunho político, social e ideológico. Nada mais natural, então, que



ela seja um elemento essencial e cada vez mais presente na linguagem cinematográfica.” (COSTA, 2007, p. 101-102).

A música POP está presente no cotidiano, e, se ela influencia tanto em nossas vidas, quando ela está presente em um filme, ela traduz a imagem em sentimentos e faz a cena ganhar vida. Luhmann, então, vai explorar a história dando uma grande importância para sua trilha sonora, dando ela a responsabilidade de envolver o espectador na história em uma experiência nova, já que “Romeo and Juliet” já foi contada de tantas formas diferentes, é através da música que ele decide se diferenciar e surpreender um público que não espera se envolver com uma história que já conhece.

A música que está tocando no fundo em plena festa fantasia, quando eles se veem pela primeira vez, se torna a música que anuncia o encontro dos dois depois no filme, imediatamente o espectador se lembra do casal antes mesmo de os verem na tela.

“O diretor conduz o espectador a obter uma percepção sonora semelhante à da sua personagem, numa tentativa de gerar uma identificação entre ambos, pois dessa forma seremos capazes de entender as motivações que impulsionam suas ações, mesmo que não as consideremos sinônimos de correção e bom caráter” (CARVALHO, 2009, p. 29-30).

Carvalho, ao falar desta percepção sonora, se refere aos ruídos e sons ambientes (que também são por vezes alterados por Luhmann), mas a interpretação que será feita neste artigo propõe que, talvez, ao colocar músicas para introduzir certos contextos, esta é a percepção do personagem em si. O personagem evidentemente não ouve a música, mas nós não temos acesso ao que este pensa, a música pode em muitas partes traduzir o que este pensa para causar o sentimento, e o personagem, que se refere aqui, não seria o da história em si, mas talvez o motivo de fazer o público ficar tão perto da trama seja porque, de certa forma, o espectador virou um personagem também.

“Mas a música é capaz de ir mais além do que ser um simples elo narrativo. Segundo Fábio Freire da Costa (2007, p. 15), “uma das contribuições da música para o cinema é a habilidade que ela tem de transformar o significado das cenas a qual acompanha, significado que depende diretamente da relação entre ela e o drama fílmico. “De acordo com as concepções de Maurice Jaubert, a música de cinema não é de forma alguma uma ‘música para ocupar espaços vazios’, um simples elemento de ‘preenchimento’” (BETTON, 1987, p. 49). Betton (1987, p. 48) acrescenta ao dizer que “a música não deve parafrasear a expressão visual.” (GALIZA, 2010, p. 21)

A música entra como um sexto sentido no filme avaliado, ela localizará



emocionalmente quem está assistindo no filme. Na cena da tragédia, após Juliet se matar, há uma sequência de imagens do casal feliz e é música que que provoca o sentimento de tristeza para quem assiste, talvez a morte, como sendo algo essencial na história, já não provoque tanta emoção por ser tão conhecida, então, Baz Luhrmann decide lembrar o porquê o espectador deve gostar do casal e o porquê aquilo é trágico.

Nos créditos, a música da banda *Radiohead*, “Exit Music (For a Film)”, feita para o filme em questão, traz de volta o sentimento melancólico da história e possui certa nostalgia para quem acabou de assistir a película, fazendo com que, toda vez que a pessoa ouça a música novamente, ela não só se lembre do filme, mas o sentimento que o filme a provocou volta junto com a melodia.

### **3. A MONTAGEM IRONICA.**

O filme de Luhrmann recebe de críticas altamente boas a péssimas, ele foi ousado ao fazer uma montagem irônica em uma história de Shakespeare.

Mas é preciso entender o que é a ironia e o que esta é na pós-modernidade primeiro, já que há uma diferença entre os dois; para Jameson seria que:

“O filme de nostalgia constitui-se como pastiche enfatizando que este não se confunde com a paródia, legítimo recurso do modernismo. Embora tanto pastiche como paródia sejam recursos intertextuais, o primeiro não possuiria o senso de humor e o impulso satírico da paródia: em lugar da acidez crítica e do sentido histórico da paródia modernista, o pastiche pós-modernista nada mais seria do que uma obra inofensiva, anti-histórica, “paródia vazia” (blank parody), fruto de uma época em que se enfraqueceram as ideias de história, revolução e política, no sentido que o marxismo deu a essas palavras (Jameson, 1997, p. 43-46).”(PUCCI, 2008, p. 370)

O que Linda Hutcheon vai discordar e diz que, “pela lógica da ironia e da paródia, para ela o pós-modernismo não demonstra um desejo nostálgico e estar longe de ser apolítico, passivo ou reacionário. Pelo contrário, ela considera que a poética pós-moderna une opostos, demonstrando-se híbrida, plural e contraditória (LINDA, 1991).” (GALIZA, 2010, p.38).

“Outro tanto pode dizer da paródia, que Hutcheon chama de ‘uma forma pós-moderna perfeita’ (HUTCHEON, 1991, p. 28). Ressalte que a paródia, entendida como repetição intertextual com distância crítica, que permite a indicação da diferença no próprio âmagio da semelhança (*ibid.*, p. 47), foi caracterizado pela autora como uma ‘transgressão sancionada da convenção’ (*ibid.*, p. 12). Em outras palavras, Hutcheon não se limita à paródia modernista, em que o objeto





parodiado sofre um ataque destrutivo, em transgressões de forma alguma sancionadas pela convenção.” (PUCCI, 2008, p. 373)

“Jameson vê como pastiche tudo que não possui o teor destrutivo da paródia modernista, já Hutcheon observa que a paródia pós-modernista produz um não-destrutivo com o objeto parodiado, sem aderir incondicionalmente a ele.” (*ibid.*, p. 373). Ao usar da ironia em *Romeo + Juliet*, Luhrmann não está destruindo a história, mas sim, dando ela um novo significado para que esta se encaixe na proposta do diretor.

A montagem testa o limite do espectador, sendo esta fora do “real”, com muitas cenas aceleradas, cortes rápidos e utilização de imagens sobrepostas, como na cena em que o Padre explica o plano para Juliet. Juntando essa montagem irônica exposta no filme, a fotografia com cores e planos “exageradamente” belos, mais a direção de arte, mais as trilhas e intertextualidades a todo tempo reafirmando o mundo atual, o filme assume a aparência de um filme pós-modernista, a de ser uma grande propaganda ou um videoclipe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAITRAN, Sandi. *William Shakespeare's Romeo + Juliet (1996)*. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/films/2001/05/04/romeo\\_juliet\\_1996\\_review.shtml](http://www.bbc.co.uk/films/2001/05/04/romeo_juliet_1996_review.shtml) Em: BBC Movie Reviews. 4 de Maio de 2001.

FEATHERSTONE, Mike; “Teorias da Cultura de Consumo”; *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda, 1995.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; “Cinema e (cultura da) violência nossa de cada dia.” Em: *Estudos Socine De Cinema. Ano V*; São Paulo: Panorama Comunicações, 2004.

FRIEDMAN, Patri; “*Romeo, Juliet, and ADAM: Ecstasy in Baz Luhrman's Modern Shakespeare Adaptation*”; Disponível em: <<http://patrifriedman.com/writing/prose/r-j-mdma.html>>. Acesso em: Novembro de 2012.

GALIZA, Ítalo Ângelo Pereira; “*Reciclagem POP: a Utilização de Versões da Música pop no Cinema Musical Pós-moderno*”, Vitória, 2010.

COSTA, Antonio. *Compreender o Cinema*. Rio de Janeiro: Globo, 2003

PUCCI Jr, Renato Luiz; “Cinema Pós-moderno.” In: MASCARELLO, Fernando. “*História do cinema mundial*”. Campinas: Papiros, 2008.

SHASKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003